

**PONTOS DE CONTATO  
ENTRE O *METHODO GRAMMATICAL*  
PARA TODAS AS LINGUAS (1619)  
E AS REGRAS DA LINGUA PORTUGUEZA  
*ESELHO DA LINGUA LATINA* (1721)**

Raquel do Nascimento Marques (USP)  
[raquel.ntomarques@gmail.com](mailto:raquel.ntomarques@gmail.com)

**RESUMO**

Com base nos conceitos de gramatização e horizonte de retrospectiva (Auroux, 1998, 2008), este trabalho tem por objetivo fazer uma breve análise das particularidades do português presentes no *Methodo Grammatical para Todas as Linguas* (1619) de Amaro de Roboredo e na primeira edição das *Regras da Lingua Portuguesa Espelho da Lingua Latina* (1721) de D. Jeronymo Contador de Argote. Apesar de o *Methodo* não ser uma “gramática propriamente dita”, mas um manual para o ensino da língua latina, Roboredo tratou de observar vários pontos característicos da língua portuguesa, também Contador de Argote, na primeira edição (1721) de sua gramática, não deixou de apontar particularidades do português. A escolha das duas gramáticas se justifica pelo fato de ambas, não obstante possuírem objetivos diferentes, abordarem características do português.

**Palavras-chave:** Roboredo. Argote. Gramatização. Características do português.

**1. Considerações iniciais**

Este trabalho tem por objetivo apontar e analisar as características da língua portuguesa presentes no *Methodo Grammatical para Todas as Linguas* (1619) de Amaro de Roboredo e na primeira edição (1721) das *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Lingua Latina*, de D. Jeronymo Contador de Argote.

Apesar de o *Methodo* não ser uma “gramática propriamente dita”, mas um manual para o ensino da língua latina, Roboredo tratou de obser-

var vários pontos característicos da língua portuguesa, assim como D. Jerônimo Contador de Argote na primeira edição (1721) das *Regras*.

De entre os pontos comuns às duas obras, há os *idiotismos* ou características do português, objeto de nosso trabalho. Para tratar a língua portuguesa, Roboredo criou, um subcapítulo intitulado “*ao curioso português*”, voltado aos interessados em conhecer regras de sua língua. Contador de Argote, também, tratou do que era próprio da língua portuguesa e elaborou, na primeira edição, um capítulo denominado “Da figura Idiotismos” em que mostra tais peculiaridades da língua portuguesa, apesar de o foco do ensino de Argote ser “a busca pelas regras coincidentes com as do latim” (LEITE, 2011, p. 666). A escolha das duas gramáticas justifica-se pelo fato de ambas, apesar de possuírem objetivos diferentes, abordarem características do português.

Com base nos conceitos de *gramatização* e *horizonte de retrospectção* (AUROUX, 1992, 2008), analisaremos, embora sucintamente, tais características do português apresentadas em ambas as gramáticas. Conforme Auroux (1992, p. 70), a gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la como um *instrumento linguístico* [...] que prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor.

Para Leite (2014, p. 116), a gramática, mesmo mantendo a estrutura original, que constitui seu modelo, “reflete e refrata” o conhecimento de seu tempo. Para compreendê-la, portanto, é preciso situá-la em seu “horizonte de retrospectção”, ou seja, em seu tempo e espaço, a fim de verificar os conhecimentos antecedentes que a condicionaram, ou, em outras palavras, para encontrar as causas de sua emergência com aquele discurso e não com outro.

## **2. O horizonte de retrospectção – Amaro de Roboredo e Contador de Argote**

Segundo Assunção (2007, p. 23), a época em que Roboredo viveu foi muito conturbada, em termos políticos, religiosos, científicos e didáticos, com Portugal politicamente dominado pelos Filipes (1580-1640) e com a emergência da Reforma (protestante) e da Contrarreforma da Igreja Católica. Além disso, ainda segundo Assunção, Roboredo viveu sob a

égide da gramática latina do jesuíta madeirense Manuel Álvares (1526-1583), *De Institutione Grammatica Libri Tres* (Lisboa, 1572) [...].

Também Kossarik (2002, p. 8), estudou a obra de Roboredo e reconheceu sua importância, dizendo que esse autor, quase esquecido, desempenhou um importante papel no desenvolvimento do cânone gramatical, na formação de novos tipos de gramáticas: comparativas, universais e escolares e na elaboração de algumas noções e princípios de descrição da língua importantes para a linguística de hoje.

De acordo com Assunção (2007, p. 12-15), Amaro de Roboredo nasceu nos finais do século XVI em Algosó [...] e deve ter falecido depois de 1653, em Viseu, com mais de 70 anos [...]. Foi secretário do arcebispo de Évora D. Diogo de Sousa, professor particular e escreveu várias obras de caráter linguístico-didático. Em 1619, Roboredo publicou a sua mais importante obra linguística, o *Methodo Grammatical para Todas as Linguas*, que está dividido em três partes: a primeira, [...] é a “Arte” ou a “Grammatica exemplificada na Portugueza & Latina”; a segunda, “Copia de Palavras exemplificada nas latinas, artificio experimentado para entender Latim em poucos meses [...]”; a terceira parte, “Phrase exemplificada na latina, em que se exercitão as syntaxes ordinarias, & collocação rhetorica [...]”.

O século XVIII foi menos conturbado que o século anterior. Pretendeu-se, nessa época, a restauração do poder (interna e externamente) e a melhoria das condições de vida da população, prejudicada por muitos anos pelo domínio espanhol (FÁVERO, 1996, p. 53). Com a descoberta das minas de ouro e diamantes no Brasil, Portugal vive um período de esplendor e riqueza completamente novos. Quando ao ensino português, este continuava, assim como no século anterior, sob a égide da gramática alvarista.

Conforme testemunho do biógrafo teatino D. Tomás Caetano do Bem (1794, II, p. 200 *apud* KEMMLER, 2012, p. 79), Argote nasceu em 8 de julho de 1676 na vila de Colares e era filho do jurista e Desembargador da Casa da Suplicação Luiz Contador de Argote e de D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado. Segundo Leite (2011, p. 667), além de gramático, o padre foi historiador e escreveu a obra *Memórias Históricas do Arcebispado de Braga* (1744), dividida em quatro volumes e dedicada ao rei D. João V. Argote faleceu no Convento dos Caetanos, em Lisboa, em 1749.

Há duas edições da gramática de Argote: a primeira, de 1721, e a segunda, de 1725. Essa primeira edição foi publicada sob o pseudônimo de Pe. Caetano Maldonado da Gama. Segundo Kemmler (2012, p. 82-83), Contador de Argote pertenceu à ordem dos Clérigos Regulares de São Caetano de Thiene e, portanto, ele teria escolhido o nome próprio ‘Caetano’ para identificar-se como pertencente à ordem dos teatinos. Quanto aos sobrenomes ‘Maldonado’ e ‘da Gama’, estes pertencem à mãe do gramático. A obra organiza-se em três partes: a primeira, com onze capítulos, trata da morfologia; a segunda, com oito capítulos, trata da sintaxe; e a terceira, com cinco capítulos, trata da sintaxe figurada. Quatro anos mais tarde, Argote assumiria a autoria das *Regras* e a ampliaria consideravelmente.<sup>11</sup>

Outra observação sobre a gramática de Argote diz respeito ao modo de apresentação do texto, no formato de diálogo. Essa escolha do autor deve-se, também, ao objetivo pedagógico da obra, como era comum desde a Idade Média. Para Kemmler (2012, p. 93),

o próprio método dialogístico<sup>12</sup> escolhido para ambas as edições da gramática de Argote, levam a crer que a obra em questão possa ter as suas raízes numa gramática desse gênero que tenha sido dedicada ao latim como as restantes fontes do gramático.

Para Leite (2011, p. 668), o texto das *Regras* de Argote apresenta-se na forma de diálogo, “à moda dos socráticos, em que ‘conversam’ o Mestre (M.) e o Discípulo (D.), estando o mestre no papel de inquiridor, como Sócrates, para levar o discípulo a refletir e encontrar as respostas sobre os temas gramaticais a respeito dos quais falam.”

### 3. *Ao curioso português*

No *Método Gramatical para Todas as Línguas* (1619), a parte dedicada ao leitor interessado em informações específicas da língua portuguesa, a qual o autor denominou “ao curioso português” se encontra em um subcapítulo inserido no mostrador da matéria. Lê-se: “Em quanto se

---

<sup>11</sup> Apresentamos, como trabalho final da disciplina “Crítica Textual: Edição de Textos Literários em Língua Portuguesa”, ministrada pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo, a parte descritiva material das duas edições da gramática de Argote.

<sup>12</sup> Conforme explica Kemmler (2012, p. 93), Schäfer-Prieß (2000, p. 19-20, *apud* KEMMLER, 2012, p. 93) usa o termo *Dialogform* e diz que este tipo de diálogo se encontra em Donato, bem como em vários gramáticos modernos como Perrotto, Bembo, Valdés e Sciopio.

não ordenão per sua ordem as regras da grammatica portuguesa, ainda não publica'da, as pode o curioso colligir desta, para saber per arte, o que fala per uso. (ROBOREDO, 1619, p. 4).

Neste subcapítulo em que apresenta as particularidades do português, Roboredo deixa claro não serem as regras da língua portuguesa, ainda, gramatizadas. Por esse motivo, ou seja, pelo fato de essas regras não constarem nas gramáticas, o leitor, então denominado “curioso”, que quisesse conhecer melhor a língua portuguesa poderia, com base nas informações contidas no subcapítulo, fazê-lo.

A primeira característica da língua portuguesa apresentada por Roboredo, no primeiro capítulo do primeiro livro, diz respeito às declinações, e gêneros dos nomes.

### 3.1. Declinações, & generos dos nomes

Para os Nomes ha na Portuguesa três Declinações, & na Latina cinco. Em cada Declinação ha dous Numeros; *Singular*, para hũa cousa, *Plural*, para muitas. Cada Numero tem seis casos, que as ultimas vogaes fazem diversos, ou semelhantes, segundo a propriedade da lingua.

Os Nomes ou são Substantivos, como *Calor*; ou Adjectivos, como *Alto*, *Alta*. Os Substantivos na Portuguesa, ou são Masculinos, ou Femininos: & na Latina ou são Masculinos, ou Femininos, ou Neutros: segundo as terminações dos Adjectivos, que na língua houver; como na Portuguesa ha duas, como, *Alto*, *Alta*: & assi ha dous Generos. E na Latina ha tres terminações: como, *Altus*, *Alta*, *Altum*: & assi ha tres Generos. (ARGOTE, 1619, p. 2).

Roboredo apresenta, na língua portuguesa, declinações e gêneros diferentes daqueles do latim. Conforme lemos no texto de Roboredo, e como já anotou Assunção (2007, p. 62-62), enquanto na língua latina há cinco declinações (-æ, -i, -is, -us, -ei) que variam de acordo com os casos e o número, na língua portuguesa há três declinações (-o, -a, -e) com variação, apenas, de número para os seis casos, e cujos paradigmas são “alto”, “alt-a” e “torre”. Também para os gêneros dos nomes, Roboredo apresenta dois (masculino e feminino) para o português, ao contrário do latim em que há três gêneros (masculino, feminino e neutro). Roboredo retoma o exposto a cima com um parágrafo em que apresenta outros exemplos de terminação da terceira declinação bem como dos gêneros dos nomes:

PORTUGUESA

Os Nomes Portugueses se acabão em algua destas letras O, A, E, I, M, R, S, Z. Os em O são masculinos, que pedem hũa Declinação. Os em A, Femininos, E pedem outra: E os mais se podem reduzir a outra, dos quaes hũs são Masculinos: outros Femininos como *Fonte, Cal, Calor, Homem, Mes, Paz, &c.* Se os nomes desta terceira Declinação se acabarem em E, recebem S no Plural; se se acabarem em consoante recebem, ES: como *Breve, breves: Calor, calores: Mes, meses: Paz, pazes: Homem*, recebe ou ES como *homeês* ou com S, como *homems*; E mudando o M, em til *homês*: E assi os mais em M: Os em AI, mudão o, L em , ES, como *Tribunal, Tribunaes*: Os em EI, II, OI, UI, mudão o, L, e, IS: como *Papel, papeis: Barril, barrijs: Forol, Forois: Azul, azũs*. Acho mais estes Nomes, *Rei, Lei, Boi, Borzegui*, acabados em, I, E *Perû*, acabado em U: os quaes recebendo S ficão, Pluraes. Tem a portuguesa este articulo, *O, OS*, que mostra o genero Masculino dos nomes Substantivos commũs; E este articulo, *A, AS* que mostra o genero Feminino, dos ditos Substantivos. Os quaes articulos he o mesmo que a primeira, E segunda Declinação puras. Destes articulos vê pag. 47. (ROBOREDO, 1619, p. 2).

Ainda sobre as declinações dos nomes, Roboredo expõe um quadro em que apresenta exemplos das três declinações portuguesas:

D.		Primeira	Segunda	Terceira	
Numero singular	Nominativo	Alt-o	Alt-a	Torr-e	Quem.
	Genitivo	Alt-o	Alt-a	Torr-e	De quem.
	Dativo	Alt-o	Alt-a	Torr-e	A quem, pera quem.
	Accusativo	Alt-o	Alt-a	Torr-e	Quem padece.
	Vocativo	Alt-o	Alt-a	Torr-e	Quem he chamado.
	Ablativo	Alt-o	Alt-a	Torr-e	Sem que. Com que. Em que. Onde. De que. Donde.

Número Plural	Nominativo	Alt-os	Alt-as	Torr-es
	Genitivo	Alt-os	Alt-as	Torr-es
	Dativo	Alt-os	Alt-as	Torr-es
	Accusativo	Alt-os	Alt-as	Torr-es
	Vocativo	Alt-os	Alt-as	Torr-es
	Ablativo	Alt-os	Alt-as	Torr-es

Nota-se que, embora o autor reconheça a diferença das duas línguas, continua realizando a descrição da língua portuguesa pelo modelo da latina, como mostra o quadro da “declinação” apresentado.

A segunda particularidade do português, presente no segundo capítulo do primeiro livro, diz respeito às preposições.

### 3.2. Preposições

M. Na portuguesa sempre o Genitivo he regido da Preposição, *De*, que alem disso rege ablativo; E, A, rege Dativo, Accusativo, e Ablativo. *Pera* rege tambem Dativo, *Para*, Accusativo: como: *Pera mim tenho, que de casa de teu pae saiste para a praça com intento de fazer mal a Pedro, & tirar a capa a Paulo, que se recolhia aa Igreja.* (ROBOREDO, 1619, p. 12).

Roboredo apresenta o uso das preposições de acordo com os casos. Segundo Assunção (2007, p. 69), as preposições mais multifacetadas são o “de” e o “a”, uma vez que podem reger casos distintos e, assim, ter significados diversos.

A terceira característica da língua portuguesa exposta no terceiro capítulo do primeiro livro, diz respeito às conjugações dos verbos.

### 3.3. Conjugações dos verbos, que se advirtem. E advertencia del-las

Roboredo, ao apresentar esse item sobre as conjugações dos verbos, no subcapítulo “*ao curioso português*”, indica que ele exporá o fato, isto é, a conjugação dos verbos e que fará uma advertência sobre ela. Roboredo inicia a exposição pelas vozes verbais: “O verbo, ou he Ativo, ou Passivo. Na Portuguesa não há mais voz Passiva, que o Particípio, E o Gerundio em Do. [...] (ROBOREDO, 1619, p. 13).

E retoma este assunto no subcapítulo denominado “Advertencias das Conjugações, que o Mestre dirá em voz”<sup>13</sup>, presentes no capítulo três do primeiro livro:

Na Portuguesa em que não há vozes passivas mais que o nome Participial em, *Do*, & Gerundio indclinavel, como *Amado, Amando*, usamos de rodeio feito deste particípio, & do verbo, *Sou* [...]. (ROBOREDO, 1619, p. 32, grifo do autor).

João de Barros na *Gramática da Língua Portuguesa* já havia afirmado a não existência da voz passiva em português, sendo sua função suprida “per rodeo”:

Nós nam temos estes vérbos, mas, quando falámos per este módo, tomamos o verbo em a terceira pessoa do número singular e este pronome da terceira pessoa, *se*, e, reciprocando, dizemos: No páço se pragueja fôrtemente. (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 327).

<sup>13</sup> O parágrafo, que vai apontado com esta letra [...] M, declarara o Mestre em voz, não obrigando a decoralo; mas a entendelo si: porque de balde se studa o que se não entende. (*Ibid.*, Prólogo)

Roboredo, também, afirma que

[...] *para suprimos esta falta, & nterpretarmos os tempos de outras linguas, usamos hum rodeio de terceiras pessoas passivas feito das activas, & do Accusativo, Se, como movia se, movera se, elle se movesse, mova se &c.* Por este rodeio *se* significa, ou o mesmo agente do verbo, que redobra sobre si, ou outro em commum, & confuso, que responde aos Impessoais dos Grammaticos; como *affirmava se que vinheis a esta cidade.* (ROBOREDO, 1619, p. 32-33).

Para Assunção (2007, p. 63), o uso de um verbo ativo acrescido do pronome pessoal em acusativo “se” se deve primeiro, a faltarem formas verbais passivas e, segundo, à necessidade de se interpretarem os tempos de outras línguas, tendo como consequência o fato de impessoalizar ou indeterminar o sujeito agente da ação sobre o próprio agente, sendo, portanto o agente e o paciente a mesma pessoa.

Roboredo, ainda que não afirme a existência da voz reflexiva na língua portuguesa, a cita:

Tambem estes accusativos, *Me, Te*, iuntos aas primeiras, & segundas pessoas fazem o mesmo rodeio de passiva de agente, que reciproca sobre si, mas em algũs verbos não corre bem; como *Eu me fazia, tu te fazias*; em outros si; como *Eu me movia, tu te vestias, &c [...]*. (ROBOREDO, 1619, p. 33).

Outra particularidade do português frente ao latim diz respeito às conjugações dos verbos. Roboredo apresenta três conjugações na língua portuguesa (-ar, -er, -ir) cujos exemplos são amar, mover, vestir das quatro latinas (-are, -ére, -ere, -ire).

Na lingua Portuguesa ha tres Conjugações, & quatro na Latina: as quaes Conjugações se differença pelas segundas pessoas dos primeiros presentes; E também pelos infinitivos se differença as ultimas conjugações. (ROBOREDO, 1619, p. 13).

Amaro de Roboredo, também, apresenta à existência do infinitivo pessoal. Conforme Assunção (2007, p. 69), Roboredo teve a percepção/intuição linguística da existência do infinitivo pessoal na única língua do mundo, o português. E trata-se do primeiro gramático a fazê-lo, pois não foi encontrada nenhuma referência a esse infinitivo em gramáticos anteriores. Ainda segundo Assunção, Roboredo descobriu que, apesar das grandes semelhanças do infinitivo pessoal com o segundo futuro, há verbos em que essas semelhanças não existem:

Tem finalmente a portuguesa hum Infinitivo que o uso corrompendo o fez pessoal. & delle carecem as linguas, de que temos noticia, *Como eu amar, tu amares, elle ammar.* Pl. *Nos amarmos vos amardes, elles amarem*; he semelhante ao segundo futuro: mas em algũs verbos não; *como eu dizer, tu dizeres, &c. eu fazer, tu fazeres, elle fazer: De nos fazermos arte Portuguesa resultará*

*proveito na Republica: o segundo futuro he; eu fizer, tu fizeres, elle fezer (sic), &c. Eu disser, &c.* (ROBOREDO, 1619, p. 33).

A quarta característica do português apontada por Roboredo, no subcapítulo dedicado ao “curioso português”, diz respeito à formação dos pretéritos e se encontra no quarto capítulo do primeiro livro.

### 3.4. A formação dos preteritos

Conforme Assunção (2007, p. 68), Roboredo prefere apresentar os tempos em correlação com a “cabeça”, isto é, com o presente, pretérito e supino (para o latim), ou seja, o presente pertencendo à primeira cabeça, e os pretéritos e supinos à segunda cabeça. Para Roboredo, “as cabeças” seriam modos verbais ou tempos primitivos dos quais derivavam os demais tempos verbais.

João de Barros (1540, p. 342) ao tratar “dos pretéritos e participios” em sua gramática afirma que “os verbos da primeira conjugação fazem no pretérito perfeito do módo demonstrador em *ei* e no participio em *ádo*, como: amo – amei – amado. Observamos que esta conjugação também é apresentada por Roboredo (1619, p. 36) quando afirma que “do primeiro presente se forma na Portuguesa o Preterito”: *Primeira cabeça – Presente – Eu am-o; Segunda cabeça – Pretérito perfeito – Eu am-ei, tenho, e tive amado.*

### 3.5. A composição, ou syntaxe

Roboredo apresenta algumas particularidades do português no quinto capítulo do primeiro livro, quando trata da *Composição Portuguesa, & Latina correspondentes, em que se encerra a syntaxe das outras artes*. Segundo o gramático, “a composição das partes da Oração, começa per nominativo, & consta de Concordia antes da palavra, de Regencia depois da palavra regente, & do sitio<sup>14</sup> dellas, que o uso ensina” (Roboredo, 1619, p. 47). Vemos, assim, que o gramático ao tratar da composição das partes da oração aponta como característica do português não apenas a concordância, como também a regência das palavras de acordo com sua disposição. O gramático aponta quatro tipos de concordância:

1. Substantivo, & Adjetivo concordão em Genero, Numero, & Caso.

<sup>14</sup> Sitio- disposição, aptidão in Bluteau, p. 665

2. O Relativo, & Substântivo antecedente concordão em Genero, & numero.
3. O Nominativo, & Verbo pessoal concordão em Numero; depois de Eu tomar as primeiras pessoas; & Tu, as segundas.
4. A pergunta, & Reposta concordão em Caso, & muitas vezes em Tempo, Numero, & Pessoa. (ROBOREDO, 1619, p. 47).

No que diz respeito a regência, Amaro de Roboredo indica o uso das preposições “*de*” e “*a*” assim como de outras preposições de acordo com os casos. O autor, também, aponta o uso do *cujo* sem preposição em português.

Ainda no capítulo V, Roboredo faz algumas advertências quanto ao uso das preposições *com*, *de* e *em*:

Entre as preposições, que regem Ablativo, há estas mui repetidas na pratica Portuguesa, na qual sempre se declara *Com*, antes do instrumento [...]. Esta preposição, *De*, quando tem por Ablativo algum nome Proprio de lugar, sempre se declara na Portuguesa [...]. Esta Preposição, *Em*, se declara sempre na Portuguesa [...]. (Roboredo, 1916, p. 51)

Também adverte sobre os vários significados e usos da partícula *que*:

He esta particula Adjetivo indeclinável em ambos os Numeros, de que cômummente usa a Portuguesa depois de Nomes, principalmente substântivos, & depois de Preposições: como, *Facil he esta arte, que desejas; & a que te hás de dar; & a de que hás de usa.* [...] 3. He tambem particula adverbial, que depois de Verbos de, *dizer, afirmar, saber, cuidar, ver*, ou semelhantes modos de fallar, se ajunta na Portuguesa com primeiros, ou segundos Tempos (ROBOREDO, 1619, p. 51-52).

### **3.6. Os nomes irregulares mais ordinarios**

O autor apresenta neste capítulo, que é o segundo do segundo livro, alguns nomes irregulares na declinação portuguesa. A irregularidade a que Roboredo se refere diz respeito à não coincidência da regra do português com a do latim.

### **3.7. Tudo o mais para a inteira grammatica portuguesa**

No terceiro livro do primeiro capítulo, Roboredo trata do que é universal às línguas: “Da universal explicação resolutive, & compositiva das partes da Oração exemplificada na Latina” (ROBOREDO, 1619, p. 64). Neste livro, o “curioso” encontraria explicação para as regras co-

muns a todas as línguas com exemplos em latim, uma vez que o latim era a língua de referência.

### 3.8. A copia de palavras se tira da interpretação das sentenças

Esta parte da *Gramática* que trata da “Copia de Palavras exemplificada nas latinas”, corresponde às 1.141 frases da *Ianua Linguarum* dos jesuítas irlandeses de Salamanca, nas quais Roboredo insere números e notas interlineares, além das declinações e gêneros dos nomes e das conjugações dos verbos.

### 3.9. As frases ira colligindo das correspondentes aas Latinas, advertindo as mais nos livros, & practica

Nesta parte da gramática que é a terceira do *Método*, Roboredo traz exemplos de frases portuguesas e suas traduções em latim. Segundo Assunção (2007, p. 19), Roboredo analisa a sintaxe e a retórica e apresenta outros exemplos de frases latinas e portuguesas, extraídas de autores clássicos ou criadas por ele.

### 3.10. Advertencias de algũa frase particular

O décimo e último item apresentado por Roboredo se encontra no capítulo quinto da terceira parte do *Método* que é sobre o *Exemplo Latino da Frase*, e trata “de algũa propriedades da Frase Latina, & Portuguesa entre si repugnantes” (ROBOREDO, 1619, p. 227), ou seja, de particularidades de cada língua.

1. “He propriedade da lingua Latina duas negações affirmarem; & da Portuguesa negarem: como na sentença 127. da 2. parte [...]”; 2. “O Genitivo na Latina he sempre regido de substantivo; & na portuguesa da sua Preposição, De, p. 47. 48”; [...] (ROBOREDO, 1619, p. 229).

Nesse item há algumas observações que dizem respeito à língua portuguesa bem como à latina, seguidas, como é possível observar, do número da sentença de ambas as línguas ou da página em que se encontra tal exemplo.

#### 4. Da figura idiotismos

Na primeira edição (1721) das *Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina*, Argote traz um capítulo sobre as características do português, ainda que bastante conciso, com apenas três páginas. Contador de Argote encerra sua gramática com este capítulo que é o quinto da terceira parte das Regras. Na apresentação da matéria, lê-se:

Da figura Idiotismo

M. Que cousa he Idiotismo?

D. He o modo de fallar próprio, & particular de alguma lingua.

M. E quantas castas ha de Idiotismo?

D. Na lingua Portugueza muytas, & por elas he que differe a latina.

M. Dizei alguns. (ARGOTE, 1721, p. 226)

Embora os gramáticos portugueses anteriores tenham mostrado características da língua portuguesa em suas gramáticas, Argote é o primeiro a separar um capítulo especialmente para os *idiotismos*, bem como a conceituar em uma gramática tais características. Nessa primeira edição, Contador de Argote classifica apenas quatro tipos<sup>15</sup> de *idiotismos*: o primeiro, sobre a significação das palavras; o segundo, sobre o modo de como os participios passivos, em português funcionam como os ativos do latim; o terceiro, sobre a substantivação dos adjetivos; e o quarto, sobre a substantivação dos verbos. Após conceituar o termo *idiotismo*, logo no início do quinto capítulo, o gramático trata da significação das palavras. Lê-se:

##### 4.1. Significação

D. Ha Idiotismos quanto à significação.

M. Quaes são?

D. Saõ, quando as palavras significão huma cousa, & querem dizer outra.

M. Dizey exemplos.

D. *A Deos*. Estas palavras saõ o termo de que usamos nas despedidas, & significão *Deos*, mas querem dizer, *Ficay com bem*, ou *Deos vos guarde*. *Morrer de fome*. Nesta oração a palavra *Morrer*, que significa *acabar a*

---

<sup>15</sup> Casta. Género, espécie &c.

*vida, quer dizer Ter grande fome, Morrer de rizo, quer dizer, Ter grande vontade de rir, ou ri muyto. (ARGOTE, 1721, p. 226)*

Nas gramáticas portuguesas anteriores, de Fernão de Oliveira, de João de Barros e Amaro de Roboredo, não há estudo sobre a semântica da língua portuguesa. Argote, todavia, faz referência a aspectos semânticos do português. Nesta característica apresentada, o autor quis mostrar as várias acepções dadas a algumas palavras, a depender do contexto de uso. Um dos exemplos citados por Argote, é o da expressão “morrer de fome” que, segundo o próprio autor explica, o verbo morrer, usado isoladamente, significa cessar de viver, e quando utilizado na expressão, adquire novo sentido, no caso “excesso de fome”.

Argote, também, trata de aspectos morfológicos quando aponta o uso do particípio que é outra característica do português. Esta diz respeito aos particípios passivos usados ativamente. Lê-se:

#### 4.2. Particípio

D. Ha Idiotismos quanto aos particípios passivos significarem como activos.

M. Dizey exemplo.

D. *Pedro não he bem visto.* Nesta oração, *bem visto*, que he particípio passivo, significa activamente & val o mesmo que *Pedro não vê bem.* (ARGOTE, 1721, p. 227)

Segundo Amaro de Roboredo, no primeiro capítulo do terceiro livro de seu *Methodo*, para suprir a ausência da voz passiva na língua portuguesa há os particípios passivos que juntos ao verbo “ser” fazem as vezes da voz passiva.

Nas línguas vulgares, de que temos noticia, não ha Verbos Passivos: mas ha Particípios Passivos, com os quaes, & com o Verbo Substantivo *Sum*, se suprem as Vozes Passivas; como em Português. Amado, ajuntase ao Verbo, *Sou*, assi; *Sou amado; Fui amado: Serei amado.* (ROBOREDO, 1619, p. 69)

Segundo Assunção (2008, p. 58), o particípio é para Roboredo, um adjetivo, mas derivado do verbo, que, em determinadas línguas, como na portuguesa e latina, tem tempo. Enquanto para Argote (1721, p. 61), “particípio he uma palavra que tem casos, & tempos” e que junto a um verbo auxiliar forma os compostos.

Argote ao apontar tal idiotismo, ou seja, ao tratar do particípio, mostra como tais particípios passivos, em português, funcionam como os ativos do latim. Contudo, o gramático chama particípio passivo a expres-

são “bem visto” e não a expressão “he visto”. No exemplo citado, a frase “Pedro não é bem visto” é passada para a forma ativa como “Pedro não vê bem”.

A terceira característica do português, diz respeito à substantivação dos adjetivos. Nesta primeira edição lê-se:

### **4.3. Adjetivos usados em lugar de substantivos**

D. Ha Idiotismos quanto aos adjectivos significarem como substantivos.

M. Dizey exemplo.

D. *Esta taboa tem dous palmos de largo.* Nesta oração o adjectivo *Largo*, quer dizer significa o seu substantivo *Lagura* & val o mesmo, que *Tem dous palmos de largura.* (ARGOTE, 1721, p. 227)

Argote apresenta como característica da língua portuguesa o uso do adjetivo com função de substantivo. Em nenhuma das gramáticas portuguesas anteriores, de Fernão de Oliveira, de João de Barros e de Amaro de Robredo foi encontrado referência a este tipo de uso do português. Argote, todavia, na primeira parte da gramática, quando trata das regras gerais aplicadas ao português e ao latim, cita o uso do adjetivo com valor de substantivo.

M. E o adjectivo pôde às vezes servir de substantivo?

D. Sim.

M. Quando?

D. Quando se poem em lugar do substantivo.

M. Dizey exemplo.

D. *O azul logo desbota.* Nesta Oração o adjectivo azul serve de substantivo; porque se poem em lugar do substantivo cor, & faz este sentido. *A cor azul logo desbota.* (ARGOTE, 1721, p. 29)

A quarta característica do português apresentada por Argote diz respeito à substantivação dos verbos. Lê-se:

### **4.4. Verbos usados em lugar de nomes**

D. Ha Idiotismos, quanto aos Verbos se porem em lugar de nomes; assim como *Deylhe de cear*, em lugar de *Deylhe a cea*. *Dayme de comer*, em lugar de *Dayme o comer.* (ARGOTE, 1721, p. 227)

Argote reconhece, como particularidade do português, o uso do verbo com valor de substantivo, porém não faz referência a esta característica na primeira parte de sua gramática. Os gramáticos portugueses anteriores também não fazem nenhuma referência a este uso do português.

### 5. *Considerações parciais*

A partir do breve estudo realizado sobre as particularidades do português presentes no *Methodo Grammatical para Todas as Linguas* (1619) e nas *Regras da Lingua Portuguesa Espelho da Lingua Latina* (1721), e tendo em vista ser um trabalho ainda em curso, observamos que, apesar de os objetivos serem diferentes bem como o tempo que se para as obras, os autores trataram de características do português. Amaro de Roboredo, em um subcapítulo citado no mostrador da matéria, aponta tópicos que tratam de particularidades do português, inseridas em toda a gramática, e Contador de Argote reserva um capítulo para tratar dos *idiotismos*, embora cite e exemplifique algumas características do português enquanto trata das regras gerais aplicadas ao português e ao latim na primeira e segunda partes da gramática.

Observamos, também, que os autores apontam diferentes características do português em suas gramáticas. Roboredo apesar de anterior à Contador de Argote mostra-se mais ousado, apontando peculiaridades do português nas declinações e gênero dos nomes, uso das preposições, declinações dos verbos, formação dos pretéritos, e sintaxe. Argote, contudo, mostra-se menos ousado, nessa primeira edição, por apontar particularidades do português, apenas, na significação das palavras, no uso dos participípios e na substantivação dos adjetivos e dos verbos.

No que diz respeito ao horizonte de retrospectiva de ambas as obras, observamos que todo o contexto histórico e social influenciou diretamente cada uma das gramáticas. Quanto à gramatização, vimos que é pelo uso que ela se concretiza, uma vez que tanto Roboredo quanto Argote extraem do uso os fatos de língua portuguesa que estudam como específicos dessa língua.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGOTE, Jerónimo Contador de. *Regras da lingua portuguesa, espelho da lingua latina*, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pe-

las regras da portugueza. Lisboa Occidental: Officina de Mathias Pereyra da Sylva, & João Antunes Pedrozo, 1721.

ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; FERNANDES, Gonçalo. Prefácio e estudo introdutório. In: ROBOREDO, Amaro. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Edição facsimilada. Lisboa: Pedro Craesbeck, 2007.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução do francês por Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. *A questão da origem das línguas, seguido de a historicidade das ciências*. Trad.: Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas: RG, 2008.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. Cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 8 v.

ROBOREDO, Amaro. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Salamanca. Edição de Marina A. Kossarik. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. In: KOSSARIK, Marina. *A obra de Amaro de Roboredo: questões de historiografia linguística portuguesa*, 2002.

CARDOSO, Simão. A gramática latina no séc. XVI. As “Partes orationes” na gramática do Pe. Manuel Álvares (1572) e na Minerva de Sanctius (1587). *Revista da Faculdade de Letras “Linguas e Literaturas”*. Porto, XII, p. 159-172, 1995. Acesso em: <http://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2703.pdf>.

FÁVERO, Leonor Lopes. *As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa*. Campinas: UNICAMP, 1996. [Coleção Repertórios]

KEMMLER, Rolf. Caetano Maldonado da Gama, D. Jerónimo Contador de Argote e as duas edições das Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1721, 1725), *Limite*, p. 75-101, 2012. Disponível em: <http://www.revistalimite.es/volumen%206/05kemm.pdf>.

LEITE, Marli Quadros. Considerações sobre uso e norma na gramática portuguesa – O Methodo Grammatical para Todas as Linguas (1619), de Amaro de Roboredo. *Filologia e Linguística Portuguesa*, vol. 13, n. 2, p. 337-368, 2011.

\_\_\_\_\_. A construção da norma linguística na gramática do século XVIII. *Alfa: Revista de Linguística*, vol. 55, n. 2, p. 665-684, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4745/4050>>.

\_\_\_\_\_. Tradição, invenção e inovação em gramáticas da língua portuguesa – séculos XX e XXI. In: \_\_\_\_; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; SAVIOLI, Francisco Roberto Platão (Orgs.). *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores* Evanildo Bechara, Maria Helena Mira Mateus, Mário Perini, Maria Helena de Moura Neves, José Carlos Azeredo, Ataliba Teixeira de Castilho, Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014, p. 115-133.

OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática. Organização de Amadeu Torres e Carlos Assunção, com estudo introdutório de Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.